

## A LONGA PÓS-GUERRA (1936-1953) DE RAMÓN VILLAR PONTE

José-M<sup>a</sup> Monterroso Devesa.

### I. Introduçom.

A) A pós-guerra (1936-1953)

B) O exílio interior

### II. Ramón Villar Ponte: umha achega doméstica

A) Breve resenha biocronológica

B) Da memória de M<sup>a</sup> Teresa Villar Chao

## I. INTRODUÇOM.

### A) A pós-guerra (1936-1953).

Tomamos estas duas datas como marco da pós-guerra por pura comodidade: a pós-guerra, as suas conseqüências, de feito, estendeu-se muito mais que até o 53. Por outra parte, nesta data em que morria Ramón Villar Ponte produzia-se já o começo da *ajuda americana* (estadounidense por melhor falar), que marcou o definitivo assentamento do franquismo, depois da primeira bençom dos aliados triunfantes, oito anos atrás; e também a ainda tímida recuperaçom económica do *Estado espanhol* surgido da contenda.

A data de 36, por sua volta, constitúe para a Galiza *sem guerra* o início cabal da pós-guerra, dado que já se déu aqui, desde o princípio, o processo que decontado se iria verificando no resto do estado baixo o novo regime ditatorial: a repressom, o racionamento alimentário... o sistema fascista, em fim. Nom é, pois, impróprio falarmos de guerra onde, em rigor, nom a houve tal como se entende classicamente o termo.

Ora, longa pós-guerra si, porque se, por se prolongar num regime de terror, aquela durou o que durou este, para um indivíduo só -e haveria que perguntar-lho nomeadamente aos que sofrim cadeia- os dezassete anos que correm entre as duas datas deverom pesar muito, com todo e estar coa família, que era o que mais queria e ter o apoio moral da sua fé ... mas ouvindo dos velhos camaradas o que padeciam, vendo como a outros (Otero Pedrayo) lhes roubavam o posto de trabalho, lendo o que lia e escuitando o que se escuitava nos meios de comunicaçom da época (jornais e rádios, todos mediatizados), aturando essa agressividade pessoal encuberta, e por momentos expressa, dos vencedores impunes... Ouvindo, vendo e vivendo tudo isso Ramón Villar Ponte devéu se sentir como umha vítima de virtual arresto domiciliário.

Quando o nosso patriota, com 63 anos recém cumpridos morréu, a mais de mulher

ficavam, cara ao futuro, seus filhos, um malgrado bem aginha mas deixando trás de si, como seu pai, umha obra perdurável (esta artística); outro que acabou escolhendo as rotas das Américas (para ali exercer, como seu pai aqui antes, a docência); a outra, única mulher, venturosamente ficando entre nós até hoje, imelhorável guarda da memória paterna.

### B) O exílio interior.

Castelao deixou dito que “nom há pior desterro que aquel que se sofre no próprio país”. Esse desterro ou exílio podem-no padecer, por exemplo, os *inadaptados*, ou seja, aqueles que, adiantados ao seu tempo, som incompreendidos polos seus contemporâneos e convizinhos. Mas o mais duro exílio interior é o que sofrem em qualquer tempo e país os vencidos, aqueles que, a mais de dissentir, som violentamente reprimidos, tanto que, por vezes, sendo-lhes inaturável tal situaçom, optam por abandonar a sua pátria; outros haverá que nom a abandonem por falta de decisom (a idade soe ser um obstáculo) ou por outro tipo de condicionantes como podem ser os familiares.

A guerra de 36-39 compujo um espectro de dramas para os que, de um jeito ou de outro, se sinalaram polo seu protagonismo nos tempos precedentes.

Temos os que, pilhados na Terra, fórom executados (*paseados* ou formalmente *judgados*): som os mártires, tais Bóveda ou Díaz Valinho. Temos aqueles aos que, em parecidas circunstâncias, lhes foi *perdoada* a vida a cámbio da cadeia (longa ou curta). Temos os que, agachados, pudérom evitar umha ou outra situaçom, e, nalgum momento, fugirom: som os exilados da segunda hora, como Alfredo Somoça (que botou oculto onze anos... para morrer a pouco de lograr a liberdade). Temos os que pudérom fugir a tempo, desde aqui (aí está o *senhor Afránio* Alonso Rios) ou por tê-los colhido a guerra no campo leal (Castelao mesmo): som os exilados da primeira hora. Temos os que, sem fugir, houvérom de ficar caladinhos e, maiormente a raíz da sua militância na Igreja Católica, fórom bandeando o temporal: houvo-os que publicamente renegárom -o medo é livre!- do seu ideário (outra cousa seria ou nom seria no seu íntimo)... e houvo-os, finalmente, que com grande dignidade, se mantivérom no molde... e até, chegada a ocasiom, seguirom militando nas suas limitadíssimas possibilidades: som os do exílio interior. A estes últimos pertencéu Ramón Villar Ponte.

## II. RAMÓN VILLAR PONTE: UMHA ACHEGA DOMÊSTICA.

### A) Breve resenha biocronológica.

1890 - Filho quarto dos cinco de Ponciano Villar e Melchora Ponte, nasce em Viveiro Ramón Villar Ponte.

1916 - Obtém a licenciatura em Filosofia e Letras -secçom de Letras- na Universidade de Madrid, cidade onde se iniciara no jornalismo.

De regresso na Terra funda, na Corunha, com seu irmao Antom, as Irmandades da Fala, começando a colaboraçom em *A Nosa Terra*, nascido entom, e sendo dos poucos escritores do seu tempo absolutamente monolíngües.

A sua formaçom humanística levará-o a dar-lhe contido doctrinal ao ideário nacionalista no que cabe pensar o encarreirara, anos atrás, seu irmao (nove mais velho).

1917 - Acode, polas Irmandades, à Semana Galega de Barcelona.

1918 - Participa na I Assembleia Nacionalista (Lugo).

- 1919 - Casa, em março, na Corunha com Teresa Chao Maciñeira, nascendo, em dezembro, seu primogénito, Jaime.
- 1921 - Na segunda metade deste ano desempenha-se como diretor de *El Correo Gallego* de Ferrol, cargo do que é obrigado a demitir por se negar a fazer campanha a favor das *Juntas Militares de Defensa*.  
Assinado em Viveiro, aparece em Ferrol a sua *Doctrina nazionalista* -verdadeiro catecismo de propaganda galeguista- prologada, em catalám, por Puig y Cadafalch, presidente da Mancomunitat de Catalunya.  
Gerente da editorial *Céltiga*, colabora em *Irmandade Nacionalista Galega*, boletim da ferrolá.
- 1922 - Encabeça em Viveiro a fundação da Irmandade da Fala local.  
Nestes anos actúa como delegado na vila do *Comité Ejecutivo de la Confederación Agraria Gallega*.
- 1924 - Nasce a sua filha M<sup>a</sup> Teresa.
- 1927 - No ano em que nasce seu filho mais novo, o futuro pintor, José Ramón Villar Chao, Ramón ingressa no *Seminario de Estudos Galegos* com o clarificador discurso *O sentimento nazionalista e o internazionalismo* (publicado em *A Nosa Terra* em 1929).  
Tamém é entom quando vé a luz, na editorial *Nós* da Corunha, e prologada por V. Risco, a sua *Historia Sintética de Galicia* (2<sup>a</sup> edição 1932). Neste tempo é corresponsal de *El Sol* e *La Voz* de Madrid e colabora em *El Pueblo Gallego* de Vigo.
- 1929 - Fundada a *Organización Republicana Gallega Autónoma* (ORGA), afilia-se à formação política, intervindo na redacção do *Reglamento de la Agrupación Republicana de Viveiro*, fazendo parte do *Comité de la Alianza Republicana* na mesma vila.
- 1931 - É nomeado o primeiro alcalde da República em Viveiro (durante seis meses).
- 1932 - Deixa a ORGA para se afiliar ao Partido Galeguista.
- 1933 - Assinado em Viveiro (dezembro de 1932), aparece na editorial *Nós* (agora em Compostela) o seu *Breviario da Autonomía*, com o qual se completa umha trilogia político-histórica (doctrina, história, breviário).
- 1934 - Delegado de Viveiro na fundação da *Federación de Mocedades Galeguistas*. O ano seguinte saem do prelo os *Dous folk-dramas de Yeats* traduzidos por P. R. Castro e os irmaos Vilar Ponte.
- 1936 - Participa activamente na campanha estatutária, sem se adherir a *Dereita Galeguista*, pese a nom lhe agradar a integração do PG na Frente popular. Faz parte da *Asociación de Escritores de Galicia*, criada a iniciativa de seu irmao, já falecido em março de dito ano.  
Em julho produz-se o levantamento militar contra o Governo: Ramón fica em Viveiro, fundando ali umha academia de ensino.
- 1942 - A família toda traslada-se para A Corunha, onde Ramón se desempenhará, até o seu passamento, como professor de Geografia e História num conhecido colégio.
- 1948 - No *Anuario Brigantino* de Betanços publica-se *Mandeo*, um seu romance histórico galardoado dous anos antes. (Outros galardons obtivera em Madrid (*Centro Gallego*) e mais em Noia por trabalhos seus sobre Vicetto e Oviedo Arce).
- 1949 - É designado membro de número da *Real Academia Gallega*, ingressando em 1951 (16 de junho) com o valente discurso *A xeración do 16* (publicado 26 anos mais tarde, já na era constitucional). É objecto de vil agressom física. (Seria a raíz do discurso de Ramón que se lhe impediu a Manuel Gómez Román, o dezembro seguinte, dizer o seu em galego?). Neste período colaborará na imprensa galega daqui e das Américas, e mais na *BBC* londinense (no *Galician Programme*, onde participou, em galego, em três ocasiões - 1951, 1952, 1953- escrevendo, respectivamente, sobre Curros, Pastor Díaz e Sarmiento).

- 1953 - Aparece o seu *Días, hechos y hombres de la Real Academia Gallega*.  
Dito ano morre na Corunha de derrame cerebral. Seguirá-o sua dona em 1956, data em que o filho Jaime parte para Equador (estabelecendo-se em Cuenca e passando, posteriormente, a Cumaná, em Venezuela).
- .....
- 1960 - Por estes anos, parte do arquivo de Ramón Villar Ponte é levada, de um jeito pouco ortodoxo, para a *Fundación Penzol* de Vigo (ver revista *Grial*, núm. 73 -1981- páginas 368 a 375).
- 1965 - Morre prematuramente o pintor José Ramón Villar Chao, filho mais novo do matrimónio.
- 1977 - A Academia dedica o Dia das Letras Galegas a Antón Vilar Ponte e de Ramón publica, - por iniciativa e a cargo de seus filhos- o citado discurso *A xeración do 16*. Em Viveiro é descuberta, na casa natal, umha placa dedicada aos irmaos Vilar Ponte.
- 1978 - Num artigo jornalístico -*El Ideal Gallego*, 12-02-78- propom-se, polo autor desta comunicação, a criação na Corunha do Muséu das Irmandades da Fala, cousa que aí ficou.
- 1980 - A *Agrupación Cultural O Facho* instala, na rua corunhesa do Rego de Auga, umha placa comemorativa da fundação das Irmandades da Fala “ao impulso dos nacionalistas galegos Antón e Ramón Vilar Ponte”. Este acto estivo enquadrado na invenção por dita associação, esse mesmo ano, do *Dia da Nossa Fala* (o 18 de Maio) como complemento permanente do preexistente, que nós redominamos *Dia das Nossas Letras* (o 17 de Maio), conformando o núcleo das *Xornadas do Rexurdimento*.
- 1981 - No centenário de Antón, dá-se o nome de *Irmáns Vilar Ponte* à rua de Calvo Sotelo de Viveiro.
- 1986 - Por este ano saem, na *Gran Enciclopedia Gallega*, senhas biografias dos irmaos Vilar Ponte, sendo parte desta resenha resumo da correspondente a Ramón.
- 1991 - Como adessom ao seu centenário, *Edicións do Castro* publica a *Obra política de Ramón Villar Ponte* (compreendendo a versom quase fac-similar de *Doctrina e Breviario*, com um estudo preliminar de Justo G. Beramendi).
- 1993 - Impom-se ao Instituto de Bacharelato de Viveiro o nome dos irmaos Vilar Ponte.
- 2001 - A biblioteca e arquivo de Ramón Villar Ponte som legados ao Parlamento da Galiza. Dito ano sai na Corunha (edição da AS-PG) *O feito lingüístico galego*, um dos vários inéditos de Ramón.

#### B) Da memória de M<sup>a</sup> Teresa Villar Chao.

Desde os últimos ‘70 tratamos a M<sup>a</sup> Teresa, a quem recorréramos para pedir informação sobre seu tio Antón quando O Facho publicou um folheto polo Dia das Letras Galegas 1977. Depois afianzaram-se os vínculos, quando a própria agrupação corunhesa dedicou, em ‘80, a mentada placa (por certo, de rocambolesca trajetória até hogano, em que passou a figurar na rua da Franja).

Pois bem, de sempre ouvimos a Teresinha (como é universalmente conhecida, poisque outra Teresinha aqui nom hai) queixar-se do sistemático esquecimento da figura de seu pai: sem estarmos totalmente de acordo com tal apreciação, e este Simpósio é umha prova de que a lembrança de Ramón Villar Ponte segue entre nós, quijemos aproveitar a sugestom do seu parente e organizador Prof. Blanco Echauri, para desenhar o quadro desse último tempo vital do

patriota de Viveiro, recorrendo, mais umha volta, à memória da nossa cara amiga... e mais aos restos do arquivo, aqueles mais domésticos, que com ela conserva na casa familiar da rua de Juan Flórez 79 (esses mesmos fondos ajudaram-nos, alá por 1986, a confeccionar boa parte da resenha anterior).

### 1. As famílias Villar Ponte e Chao Maciñeira.

O serem os dous varons Villar Ponte irmaos inseparáveis devéu fortalecer-se polo feito de serem irmás as suas respectivas mulheres: por isso é que devemos tratar das duas famílias neste intento de achegarmo-nos à domesticidade de Ramón Villar Ponte.

Os Villar eram naturais e vizinhos do lugar de Portozinho na freguezia de Landrove, termo municipal de Viveiro (perto ubica-se ainda a capela da Virgem de Copacabana, da sua propriedade, que Ponciano Villar reconstruiu em sítio diferente do primitivo, imagem com origem, como a própria advocaçom, no Alto Peru, actual Bolívia, de onde a teria trazido um antepasado enriquecido naquelas longínquas terras, sendo hoje objecto de culto e romagem o dia da Candelária).

Família que vivia folgadoamente como donos e senhores da terra, este Ponciano Villar Bermúdez casou coa viveirense Melchora Ponte Peña (1852-1897), filha do médico José María Ponte y Villar (1823-1879: interessante figura que foi distinguida por Isabel II com a condiçom de cavaleiro da *Real Orden de Carlos III*, sendo da sua mao e datada em 1856, umha árvore familiar que chega, por linha de varonia, a fins do século XVII ) e de Antonia Peña Menéndez, de Mondonhede. Ponciano e Melchora tivérom cinco filhos, isto é: José (Pepe), Antonio (Antón), Consuelo, Ramón e María (Maruja), morrendo solteiros Pepe, Consuelo e Maruja, com 24, 19 e 12 anos. Casárom Antón e Ramón na Corunha, respectivamente em 1913 e 1919, coas irmás Micaela e Teresa Chao Maciñeira, aquela ortigueirá esta havaneira.

Por sua volta, os Chao eram da paróquia de Devesos, no termo de Ortigueira e tinham as raízes do seu bom passar em Cuba. Com efeito, na Havana possuía Juan Chao Fernández, no último terço do século XIX, a fábrica de tabacos *La Capitana*. Casara em Ortigueira com Carmen Maciñeira Bouzamayor (prima do ilustre Federico Maciñeira Pardo), originária de Ribeiras do Sor, no município de Maanhom, estando a família vinculada à torre e lugar de Lama. Tivérom seis filhos, uns cubanos outros galegos, por esta ordem: Micaela (ortigueirá, 1891-1928, casada, como queda dito, com Antón e com dous filhos: Carmen e Antonio, *Chao* para o fútebol, que morreu em Venezuela, deixando sucessom), Teresa (1893-1956) e Juan (havaneiros, casado este coa aristocrata cubana Teresa Peralta, morto novo, sem sucessom), Carmen (ortigueirá, casada com Gonzalo Sabater, com sucessom), José (morto neno) e Antonio (1899-1917).

(É curioso observar como dos Villar Ponte ficárom dous varons e dos Chao Maciñeira três mulheres, duas delas casadas com aqueles). Antón Vilar Ponte conheceu a Micaela no Centro Galego da Havana. Esse era o tempo da ruína da fábrica de Juan Chao: a família toda tornou para a Terra, radicando-se no lugar de Susavila (ou Anido d' Abaixo), paróquia de Feás, em Ortigueira (hoje Carinho), onde o ex-tabaqueiro se dedicou a explotar um moínho. No mesmo paquebote viajou, em seguimento da sua namorada, Antón. Quando morre em 1915 dona Carme Macinheira, o seu genro traslada a família política toda para A Corunha, onde passaram a morar na rua Rego da Auga, número 4, imediato à praça de Maria Pita: aí foi onde Ramón conheceu a sua futura mulher, Teresa Chao.

## 2. Meia dúzia de pinceladas.

### a) Villar ou Vilar?

A evidência de usarem ambos os irmaos permanentemente a versom oficial do apelido, *Villar*, levou-nos a respeitar a mesma, sabendo, como sabemos, que *Vilar* (*do Vilar*, em todo caso, levando a recuperaçom ao mais genuíno) seria o correcto galego e termo-lo usado habitualmente nós (assim como alguns dos seus contemporâneos correligionários). A existência no triângulo formado polas freguezias viveirenses de Chavim, Galdo e Magaços de cadansua aldeia *Vilar* e a posiçom do Portozinho natal entre Chavim e Galdo fai-nos suspeitar que esse nome-de-família (tam abundante, nas suas duas versons, por todo o país, assim como coincidente com o occitano na versom primigénia) procederia, neste suposto, de um desses núcleos. A investigaçom genealógica nos documentos da zona, muito provavelmente levaria-nos a dar, quase com seguridade à altura do XIX ou do XVIII, com aquel *do Vilar* (ou quando menos *Vilar*) originário... ou bem pudera depararmos a surpresa de vir o antropónimo de fora do país. Sem esquecermos que Villar também é grafia galega antiga, pródiga, à par da portuguesa, em duplas consoantes.

Umha postura, digamos, de terça via, da que nom gostamos muito, com todo e dar-se em indivíduos de hogano que levam tal apelido, seria a de mantê-lo em castelhano... galeguizando simplesmente a sua grafia, com o resultado desse discutível *Vilhar*... acaso fixado assim por saber-se de origem espanhola nesses casos pontuais. (Outra questom radicaria na licitude de galeguizar qualquer apelido foráneo, caso de que este o for... com a contraface de, fazendo-o, dificultar o conhecimento histórico da linhagem correspondente: nada a ver com os casos indviduosos dos De Vega (de Juana), que si foram Da Veiga, os Linares Rivas que foram Liñares/Linhares, os Herrera (de Francisca), que foram Ferreira, os/Del Valle (Inclán), que foram Do Vale, ou, salvando as distâncias, os Rivera (cervejeiros) que foram Ribeira; nem nada a ver, pola contra, com os nossos Cabanillas que jamais fórom Cabanelas/Cavanelas).

Assim foi como optámos por admitir ambas as versons (a *castelhana* junto da galego-portuguesa), simultaneando-as a mantenta ao longo deste trabalho. (Consideraçons similares levarom-nos a alternar o uso dos nomes Antón e Antom, Ramón e Ramom, ou dos apelidos Maciñeira/Macineira ou Bouzamayor/Bouçamaior).

### b) Ramón Villar Ponte, esse desconhecido?

É evidente que, dos dous irmaos Vilar Ponte Ramón é o que menos se conhece. Pensamos que hai causas objectivas; por exemplo, o viver longe da cidade, contrariamente a Antón, que mesmo tivo umha etapa internacional, digamos (o período cubano) e era, já desde a segunda década do XX um personagem bem popular na Corunha (olvida-se geralmente que a actual rua do Tte. Cnel. Teijeiro levou, de antes e a raíz do seu passamento, embora por pouco tempo!, o nome de Antonio Villar Ponte); outro motivo objectivo poderia radicar no próprio carácter, se cadra mais introvertido, de Ramón. Em definitiva, cremos que se Ramón era o intelectual, o ideólogo das Irmandades, Antón era o jornalista, o divulgador cotidiano. Ou, como já temos dito: mestre Antom por experiência e idade superiores, mestre Ramom polos seus estudos humanísticos (Antom era de Ciências), a influência e admiraçom mútuas som umha constante nas suas vidas.

A isto Teresinha matiza que, segundo o seu parecer, efectivamente, por idade, seu tio tivo que ser forçosamente conhecido antes e mais do que seu pai. Por falta de sensibilidade ou *afinação*, em 1977 a Academia, como que fijo dos dous irmaos um só, fundindo-os a ambos, em certa maneira, na mais divulgada figura de Antón: pense-se, por exemplo, que, seis anos antes, o Centro Galego de Buenos Aires contribuíra à tal divulgación, publicando, com prólogo de Fernández del Riego, umha escolma de artigos deste último, baixo o título de *Pensamento e sementeira*. Por isso, embora Carvalho Calero lhe dedicara a Ramón umha páxina da sua história da literatura (se bem deixando claro que se trata de um ensaísta político e nom de um literato), dita institución limitou a Antón umha celebraçom que devéu abranger a ambos os irmaos.

Com todo, cuidamos que Ramon nom chega a ser um desconhecido, talvez apenas um *escamoteado* (habilmente escamoteado, mediante essa fórmula da *fussom*, tam agudamente exposta pola filha no párrafo anterior) polo molesto do seu ideário radical nom só para o regime franquista, mas tamém para muitos dos que, já em democracia, presumiam de galeguistas históricos. Co tempo, afortunadamente, logrou-se a sua forçosa *exumaçom*.

#### c) A pós-guerra em Viveiro.

Antón morre o mesmo ano, apenas meses antes, do levantamento militar de 36. Ramón ficou, e devéu de senti-lo assim, com toda a glória e servidume que isso comporta, como o testamenteiro cabal, o último representante do inseparável tándem intelectual e activista que formara com aquel: e quantas vezes terá pensado no porvir que a Antón lhe esperara de ter vivido esse tempo dramático.

Teresinha era ainda nena quando o de Antón, mas si recorda perfectamente a manifestaçom do 1º de Maio (seu tio morrera em março), parando diante da casa familiar (e natal deles), onde guardara um minuto de silêncio, e subindo a depositar no piso a bandeira galega com um crespom, em sinal de homenagem a Antón.

Quando o *Movimiento*, a nossa amiga tem palavras de louvança para a maneira como os titulares das duas freguezias de Viveiro defendérom na ocasiom seu pai, evitando, se cadra, que o citassem, o processassem ou simplesmente o molestassem. Ramón, contra o que se poda pensar, na sua vila nom foi objecto de violéncia algunha (se esquecermos o feito de ser expulsado do casino -ao cabo, mais bochornoso para a institución do que para el-).

O que si acontecéu, e foi o menos que lhe podia passar!, foi a confiscaçom dos seus depósitos bancários, o qual obrigou o rentista de antano a procurar-se por outros vieiros o sustento para si e os seus: o caminho foi fundar umha académia de ensino (que radicou no antigo *Colegio Insigne*), em colaboraçom com gente toda titulada ao efeito, como Noriega Varela, Luz Garza, José Casariego, o enxeheiro Emilio Arango, Jesus Noya, etc.

Morta em 1941 dona Clementina Ponte (a tia que cuidara aos irmaos Vilar Ponte na mocidade, a raíz da morte de dona Melchora), Ramón e família estabelecem-se na Corunha.

#### d) A pós-guerra na Corunha.

Já na etapa corunhesa si que Ramón sofréu, e foi contra o final da sua vida, a

agressividade de certos elementos indesejáveis, desprezíveis de vez... sendo que, ao tempo, el tinha firmes apoios em gentes que mesmo estavam conformes com o regime político imperante; como antes em Viveiro, isto e o seu firme catolicismo permitirom-lhe superar a sua dramática posição e seguir impartindo aulas, esta volta num prestigioso centro de ensino como era o *Colegio Dequidt*, assim como no das MM. Josefinas.

Intervém Teresinha para acrescentar que, se bem é certo que muitos achegados de direitas pujérom a antiga amizade por riba das diferenças ideológicas, apoiando a seu pai de maneira decisiva, no fundo nom faziam mais que retribuir o jeito de pensar e actuar dele mesmo, sempre mantendo um absoluto respeito cara às pessoas que tinham ideias totalmente opostas das suas.

O do ataque pessoal ela cuida que foi polo ano '52. E produziu-se pola rua do Orçám, onde el tinha costume de ir escuitar rádio num café: aí foi, com efeito, agredido por elementos que seus filhos varons soubérom identificar; sendo, na realidade, daqueles falangistas violentos que tanta tropelia e crimes cometeram, desde anos atrás, amparados na impunidade do estado de guerra que, insistimos, ainda se vivia ... (e do que ainda hoje restam testemunhas, por exemplo, no blindado nomenclátor franquista da cidade).

O que subscreve tem a respeito do assunto a sua própria hipótese. Dadas as datas, pensamos que todo pudera ter origem na leitura por Ramón do seu discurso de ingresso na Academia, que qualificamos aí atrás de valente, como valente foi a resposta de Ramón Cabanillas.

Tal texto refere-se, em resumo, à criação das Irmandades da Fala em 1916: aos seus antecedentes e mais à figura relevante de seu irmao Antón e a todo quanto elas significárom vai dirigido o discurso. Além do contido, expressons como *colónia da Corte, vassalagem colonial, geraçom que vive, pujante e forte, mais que nos eidos nativos nas terras de além-mar...* ou a referência a Quintanilla ou Blanco Torres (vítimas do regime), tudo contribuiria para considerar simplesmente subversivo tal alegato que finaliza com estas baris palavras:

Chegamos, pois, ao remate do noso traballo. Mais denantes de findalo nós ceibamos a ollada por riba do mar pra pousala nas terras do alén onde a laboura fecunda da galeguización, que o inesquecente Castelao intensificara como ninguén, se acha oxo en prena realización... E nós fitamos con ledicia a aquelas terras, especialmente ás arxentinas e uruguaias, onde a forza eispansiva do actuar irmandino se acha oxo no seu apoxeo. E abesullando por encol das augas que percorren os camiños innumerabeis de que falou o poeta, a nosa ollada fita a unha Galiza ultramarina, que agora cómprenos saudar con emoción e gratitude, traballando arreo, intelixentemente, febrilmente, ateigada de fe e acubulada de lóxicas esperanzas, pra arranaxare aquel intre feliz do reconquerimento. Pra faguer realidade viva, operante e fecunda, aquel intre inigualábel no que terá de faguerse carne de realidade o sono que un día nos revelara o bardo Pondal cando dixo:

“A luz virá para a caduca Iberia  
Dos fillos de Breogán”.

Que semelhante *arma cargada de futuro* fosse permitido esgrimi-la só se comprende tendo em conta que se proferia num recinto fechado. Mas bem pudo chegar a ouvidos desses elementos que antes descrevémos e que procedérom a aplicar um *correctivo* àquel ousado

propagandista duns feitos e dumhas ideas contrárias às do regime que, em grande medida, surgira para combatê-las, destruindo tudo o que essas ideas comportaram. Nom se nos ocorre outra *razom* para a covarde agressom contra um home que distava de ser novo: um factor mais que nos empurra a considerar mesmo por esse clima, que entom se vivia ainda na pós-guerra.

e) A Academia Galega, as tertúlias.

Como membro da Academia Galega, foi Ramón dos poucos seus companheiros de corporaçom que tomou a sério tal cargo, escrevendo a tam necessária memória da instituiçom, o mentado *Dias, hechos y hombres de la R.A.G.*, devendo reparar-se em que esta constitue o único que, saído da pluma do nosso patriota, apareceu em espanhol, e isto explica-se por exigências da própria instituiçom.

Neste período, Ramón, em horas em que as suas obrigas académicas lho permitem, sempre polas manhás, vai a cotio pola Academia (daquela sita no Palácio Municipal da Corunha). Polas tardes frequenta o bar *Asturias*, onde se dá umha tertúlia à que acodem gentes como Federico Zamora, os irmaos Díaz Sánchez, talvez Sebastián Risco...quem, junto ao médico Alfonso Tobío (irmao de Luís), Juanito Naya (que, por idade, podia ser seu filho) e o pintor Abelenda, fórom os amigos mais achegados de Ramón. Tamém eram tempos de correspondência profussa e el se carteava, na Terra, com Cabanillas e Otero Pedrayo, no exterior, por suposto, com Castelao, etc.

(Acerca de D.Ramón Otero, acrescenta Teresinha que, morto seu pai, um verdadeiro irmao gémeo polo jeito idéntico de pensar, o petrúcio de Trasalva colheu o costume de vir, na lembrança dele, passar a Santa Teresa onda a família do seu par).

f) O filho que lhe seguiu os passos...

Em certa maneira, achamos que José Ramón Villar Chao proseguiu, bem que fosse polos vieiros da arte, o rumbo diafanamente galego de Ramón: é de supor que este olharia com lógica simpatia o labor filial (por mais que em vida de seu pai o chamado algum dia *pintor dos nenos* nom tivera ainda alcançado a consagraçom).

Assim no-lo confirma a nossa amiga. Inda que seu pai, diz-nos, nom tomou a bem que José Ramón nom quijesse seguir estudos superiores, vendo a valia deste, acabou concordando coa eleiçom do filho. E foi grande a admiraçom que lhe tivo. Por outra parte, nom duvida ao afirmar que a temática galega de José Ramón nasceu naturalmente no ambiente familiar: desde a primeira infância, e é fácil de entender, naquela casa nom se respirava outra atmosfera que o amor à Galiza em todas as suas modalidades.

Com esta reflexom amável damos cabo à nossa peregrinaçom imaginária e excessivamente breve aos últimos anos, à longa pós-guerra de Ramón Villar Ponte.

A Corunha, outubro de 2002.

Nota.- Permanecendo inéditas as actas do *Simpósio Ramón Vilar Ponte, 50 anos depois* (*Facultade de Humanidades, Lugo, 16,17, 18 de xaneiro de 2003*) ao qual iam as precedentes

linhas destinadas, quase nove anos mais tarde dedico-lhas *in memoriam* a Teresinha Villar Chao.  
A Corunha, setembro de 2011.